

Mário Ferreira dos Santos leitor de Nietzsche

Mário Ferreira dos Santos Nietzsche player

Roger Moura dos Santos^{*}
Edmilson Alves de Azevêdo^{**}

Recebido em: 07/2015
Aprovado em: 07/2015

Resumo: *Este artigo versa sobre o trabalho de exegese de Mário Ferreira dos Santos no tocante a algumas questões filosóficas retratadas por Friedrich Nietzsche. Seguindo os "Temas Nietzscheanos" desenvolvidos pelo filósofo brasileiro contidos no ensaio de sua autoria, O Homem que Nasceu Póstumo, percorremos linearmente a trajetória da primeira parte dessa obra de literatura filosófica (onde Mário trava um diálogo com a "sombra" do póstumo filósofo alemão) analisando o tratamento – do conteúdo à estilística – dado por Mário Ferreira dos Santos aos temas da filosofia nietzscheana que o autor do ensaio elencou para que, à medida que o mesmo fosse comentando-os, pudesse desobstruir entraves e controversas que giram ao redor do legado filosófico de Nietzsche.*

Palavras-chave: *Mário Ferreira dos Santos, Friedrich Nietzsche, temas filosóficos nietzscheanos.*

Abstract: *This article deals with the work of exegesis of Mário Ferreira dos Santos in relation to philosophical questions portrayed by Friedrich Nietzsche. According the "Nietzschean themes" developed by the Brazilian philosopher in the essay of his own, O Homem que Nasceu Póstumo, we traveled linearly the trajectory of the first part of this work of philosophical literature (where Mário has a dialogue with the "shadow" of the posthumous German philosopher) analyzing the treatment - content stylistic - given by Mário Ferreira dos Santos to the themes of Nietzschean philosophy that the essay's author has listed so that the extent to which he was commenting them, could unblock obstacles and controversial turning round about to the philosophical legacy of Nietzsche.*

Keywords: *Mário Ferreira dos Santos, Friedrich Nietzsche, Nietzschean philosophical themes.*

* E-m@il: rogermoura31@gmail.com

** Professor Dr. Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

*Se soubesse ver poeticamente
a minha própria vida!*

Amiel

Mário Ferreira dos Santos (1907-1968) foi um filósofo brasileiro que retratou, na sua *Enciclopédia das Ciências Filosóficas e Sociais*, (composta por cerca de 50 volumes) e demais obras (totalizando quase uma centena) diversos domínios da filosofia. Teve, a desejo do pai, quando jovem, uma sólida educação numa instituição jesuítica (mesmo sendo ele um ateu convicto¹), não deixando de estudar e de se influenciar por um cabedal considerável de pensadores com as mais diversas peculiaridades filosóficas e contextuais (Pitágoras; Platão; Aristóteles; vários escolásticos²; Proudhon; Nietzsche; etc.) Mário considerava com acuidade e necessidade – como deve se portar um espírito filosófico – a natureza dialética e tensional do ser humano na sua intermitente constituição. Ponderando as tensões antagônicas do ser, não deixou de imprimir um plano de unidade filosófica autêntica (com sua maior explanação contida na obra *Filosofia Concreta* (2009)), regida por princípios e relações que ele considerava os mais pertinentes para a edificação de uma metafísica que acreditava ser apodítica, e de elevadíssimo rigor analítico – que pudesse viabilizar a fundação do que ele atribuía à convergência e positivação da filosofia, da metafísica e da ciência em sua plenitude sapiencial: a Matese.

Dentre os vários pensadores que influenciaram a verve filosófica de Mário Ferreira dos Santos – com menções já presentes nas suas obras de juventude e prosseguindo, ainda que de modo menos acentuado, até a mais alta agudeza de sua metafísica, contida no seu derradeiro empreendimento intelectual das obras de sua maturidade (nas obras que compõem a *Mathesis Megiste*) –, com certeza, Friedrich Nietzsche desponta como uma das principais referências. Para Mário Ferreira dos Santos as obras de Nietzsche traziam o suprasumo de uma característica que ele sempre enalteceu: a afirmação ‘incondicional’ da vida³. A estima do filósofo brasileiro pelo “poeta-filósofo” (como Mário o chamara) também era motivada

pelo apreço em relação à arguta análise da psicologia coletiva nietzscheana⁴ e pela qualidade na execução do estilo literário do filósofo alemão.

Mário Ferreira dos Santos foi um dos primeiros tradutores de Nietzsche em terras brasileiras. Traduziu *Vontade de Potência* (2011); *Além do Bem e do Mal* (2012); *Assim Falava Zaratustra* (2009); *Aurora* (2008); todos diretamente do original alemão⁵ – o que permitiu ao filósofo brasileiro um contato íntimo e uma análise esmiuçada sobre a literalidade de Nietzsche.

Além do ensaio mencionado acima e, claro, das menções ao filósofo alemão que perpassa, comumente, sua produção intelectual⁶, Mário Ferreira dos Santos escreveu textos e obras que foram focadas em problemáticas nietzscheanas: *Páginas Várias* (1965b); *O Homem que foi um campo de batalha* (2011); merecendo especial atenção, para fins do propósito estimado por este texto, o ensaio intitulado *O Homem que Nasceu Póstumo*(1954⁷) – é praticamente na primeira parte deste ensaio que nos detemos quase que exclusivamente para o desenvolvimento deste texto, e assim o fizemos porque acreditamos que essa parte da obra seja de suma relevância e contenha excelentes fundamentos para uma análise sobre os exames de Mário a respeito de Nietzsche.

Neste longo ensaio, dividido em uma introdução (intitulada de “Alguns nascem póstumos...”) e temas sobre a filosofia nietzscheana, Mário Ferreira dos Santos faz uso de uma literatura ficcional e filosófica tecida em torno de uma conversa com a “sombra” do filósofo alemão, com o intuito de discorrer sobre a incompreensibilidade dos contemporâneos de Nietzsche frente ao seu legado filosófico – a fim de tornar a filosofia nietzscheana mais inteligível ao leitor brasileiro⁸.

Na introdução do ensaio, Mário relata que “Sobre três figuras da história foi escrito o maior número de obras: Cristo, Napoleão e Nietzsche” (p. 15), e, como a obra retrata a produção intelectual de um autor de vasta complexidade, Mário Ferreira dos Santos informa no início:

É natural que este livro, que ora publicamos, focalize apenas alguns desses temas, pois a temática nietzscheana apresenta-os numerosos, além da complexidade da sua problemática, à espera de exegeses

por parte dos estudiosos de todos os campos do saber humano. (p. 16)

Prosseguindo na introdução do ensaio, Mário Ferreira dos Santos retrata o desejo de liberdade a terceiros, da consubstanciação de verdadeiras autonomias alheias, que alimentaram o anseio de Nietzsche:

Para seguir Zaratustra, é preciso afastar-se dele. O verdadeiro nietzscheano afasta-se dele; conhece-o à beira do caminho, ouve as indicações que oferece, aproveita a sua experiência, mas despede-se dele para buscar a si mesmo, para encontrar-se, para interpretar o seu próprio papel. (p. 17)

Mais adiante Mário Ferreira dos Santos aborda uma questão que muito gera controversas a respeito da produção intelectual nietzscheana: a relação entre Estado e cultura – mediada pelo aparato político. A política, como veremos no tópico sobre guerra e Estado, alimentou muitas opiniões diversas a respeito dos trabalhos de exegese sobre a obra de Nietzsche, controversas inflamadas pela própria sistematicidade de difícil ordenamento do trabalho do autor alemão.

Mário Ferreira dos Santos foi um escritor preciosista em relação à estruturação de suas obras. Os volumes de sua *Enciclopédia* seguiam um ordenamento lógico que, em geral, se apresentavam em uma primeira parte sintética, uma segunda parte analítica, e uma terceira parte concrecionadora⁹. Logo, Mário Ferreira dos Santos não deixaria de analisar e comentar a questão sobre o problema da sistematização da produção intelectual nietzscheana; sem deixar, no entanto, de se posicionar a favor da liberdade verbal criativa de Nietzsche, já que o estilo deste não usurpava a coesão da sua obra, como defende Mário, mas a tornava ainda mais coesa e coerente, consonante com a não subordinação à estruturação do legado do sistema de pensamento racionalista socrático-platônico vigente no ocidente¹⁰ – assim, o estilo de Nietzsche reduziu a poucos seu reconhecimento:

Julgamos ser o menos hábil o processo de analisar Nietzsche sob os esquemas do pensamento racionalista. Sabemos também que muitos desejariam que assim o fizéssemos. Mas prender Nietzsche dentro de esquemas

seria negá-lo e não dar a vivência de seu produzir-se flamejante e contraditório. Seu pensamento livre e fragmentário, indisciplinado para os categóricos defensores de um esquematismo *à outrance*, levou-o à incompreensão dos seus contemporâneos. Foi por isso que só se tornou conhecido graças aos espíritos livres, em cujo pensamento pressentiram aquela pujança da liberdade e o compreenderam como um afim. Foi Brandes, o grande crítico do século XIX, o amigo de Ibsen e Strindeberg que levou o nome de Nietzsche ao mundo. Era difícil compreender a liberdade que se respirava em suas páginas, quando o homem bovino unia suas forças para ameaçar a cultura e destruí-la. (p. 22)

Outro fator que em muito contribuiu para marginalização da obra filosófica de Nietzsche foi o caráter poético de seus escritos. Filosofia e poesia não simplesmente coexistem na obra do filósofo alemão, mas se fundem sob a égide da mesma unidade. O enaltecimento da dimensão estética da vida por parte de Nietzsche não era meramente escrito e enunciado, mas inscrito – pontilhado para ser trilhado em vida. E sobre essa dimensão estética, sobre a proximidade da perspectiva artística presentes na vida e obra de Nietzsche, Mário Ferreira dos Santos teceu comentários em praticamente todos os capítulos¹¹. Juntamente com a questão dos valores, do niilismo moderno, e da afirmação da vida, é o aspecto da filosofia nietzscheana mais exaltada por Mário em suas menções ao filósofo alemão.

Antes, porém, de retratarmos os assuntos da divisão temática, vale salientar, seguindo a mesma ordem que caracteriza a estrutura da obra em questão, que Mário finaliza tanto a introdução quanto o próprio ensaio enaltecendo a concepção e a afirmação da tragicidade nietzscheana, da ambivalência da vida, da aceitação de sua candura, mas também de seu verso noturno, nunca de uma atitude de recuo ou conformidade diante de seus fantasmas, mas de uma conduta de enfrentamento, para que dos pântanos mais traiçoeiros, pudessem os homens, segundo seus próprios desígnios, fazer surgir a pino o sol do meio dia que tornasse todo solo firme:

E é dirigindo os olhos para a obra do grande solitário do século dezenove, e o anunciador alciónico de uma das maiores possibilidades humanas para o século em que vivemos, que julgamos encontrar os sinais de uma nova

aurora que há de luzir, uma aurora cheia de promessas, mas uma aurora também terrível, porque ela anuncia uma imprescriptibilidade: ou segui-la ou perder-se na planície; ou ultrapassar o homem, ou abismar-se no insetismo que nos ameaça; ou caminhar pelo caminho das exceções super-humanas ou achatarmo-nos na regra de uma sub-humanidade que preferiu recuar, por não ter o brio necessário de forjar, com a sua vontade, o seu próprio destino. (p. 30)

A primeira parte do ensaio que se segue à introdução de *O Homem que Nasceu Póstumo* é “O tema da rebelião dos escravos”. Neste primeiro capítulo é iniciado o diálogo entre Mário Ferreira dos Santos e Friedrich Nietzsche – após um estado de sonolência durante um momento de leitura do filósofo brasileiro, Nietzsche irrompe com suas primeiras palavras, que para Mário parecem ser deveras pertinentes, a ponto de fazer-lhe sobressaltar:

Não me lembro quanto li. Lembro-me, – e lembrar-me-ei sempre – do instante em que me senti pronunciando baixinho estas palavras: “Estamos numa época medíocre da vida do homem. Estamos na época do homem bovino. Através de séculos, o homem se algemou à sua concepção do mundo, criou um certo número de palavras e de ideias que melhor correspondiam à fraqueza dos seus instintos e apetites, e algemou-se na estreiteza dos seus conceitos. O homem bovino domina hoje. Os fracos...” — Isso mesmo!... Isso mesmo!... (1954, p. 33)

Nietzsche, então, “pediu licença e sentou-se à minha frente” [a de Mário] para explicar que os ataques proferidos contra o ‘homem bovino’ não foram para desqualificá-lo, mas para científicá-lo sobre o estado de desqualificação e vulnerabilidade em que se encontrava¹²: “Nunca combati o débil, porque débil, combati a debilidade. O ressentimento nascido da debilidade para ninguém é tão danoso como para o homem débil” (p. 35).

No ensaio, o personagem Nietzsche atribui a “uma taxativa manifestação de má-fé... também de ignorância, ou ambas ao mesmo tempo” (p. 35) o motivo da sua não aceitação por parte de seus contemporâneos, de estes não entenderem que “A transmutação de todos os valores consistia, precisamente,

numa nova perspectiva do mundo que incluísse as contradições.” (p. 36) E muitos menos teriam entendido o desejo de Nietzsche em âmbito universalista:

A consciência universal é totalizante, e eu que queria a integração do homem no cosmos, a concepção do homem como objetividade e subjetividade, como sangue e espírito, como terra e como céu. (p. 40)

Porém, no ensaio em questão, Nietzsche avisa: é “necessário, para a compreensão de minha filosofia, que se observe o aspecto do século dezenove em que vivi.” (p. 42) O personagem da obra de Mário Ferreira dos Santos põe em pauta o mal do pangermanismo do seu tempo – pretendia até escrever *Vontade de Potência* em francês¹³ para não fortalecer o germanismo depreciativo¹⁴; depositava na França, na Europa meridional, a esperança do enrijecimento da cultura e da existência robusta do humano europeu:

Meu hino ao homem forte era o grito de mais, de muito mais, contra o amolecimento, contra o nirvana que envenenava o organismo da Europa. E diagnostiquei: a Alemanha venceu a França, como Esparta venceu Atenas, mas a cultura francesa continua em pé. A luz mediterrânea não poderia ser obscurecida pelas névoas que vinham do norte. (SANTOS, 1954, p. 44)

E, conclamando o advento do super-homem; lançando a heroicidade – tão presente na filosofia nitzscheana – à superação do homem ordinário; fortalecendo sua insatisfação com o imperialismo cultural alemão, ele prossegue seu discurso:

Gritei desesperadamente, e propus a minha terapêutica heróica: —. É preciso crer no super-homem. O homem deve ultrapassar a si mesmo. O homem deve vencer sua derrota, erguer-se de sua derrota. Aquilo era uma luz pra a Europa desesperada. O pangermanismo ameaçava destruir a cultura. Por onde passa a Alemanha é destruída a cultura... Esse foi o meu brado. (p. 44)

A heroicidade, o super-homem, eram extremos que Nietzsche almejava, era o espírito aristocrático antinômico e superior ao “homem bovino”, ao espírito de rebanho; o estratagema dos fracos e massivos se tecia na urdidura de uma

trama racionalista que negava o que era de mais precioso para existência humana – o seu instinto, a sua valorização da sobreposição pela força, como podemos endossar por este dito seu: “— O sentido político tem dominado o sentido biológico do homem na sociedade.” (p. 45)

É evidente que a essa manobra política do mais fraco se seguiria a pregação de uma compaixão passiva, de uma presunção antinatural, de um igualitarismo social, coletivo, de um ecumenismo humano – na contramão do que Nietzsche ansiava:

Para mim o super-homem é uma conquista individual e não uma conquista de massas. Sempre frisei isto muito bem. O homem só atingiria a super-humanidade através de si mesmo, cada um através de si mesmo. Era preciso amar muito esse homem superado, e desprezar esse homem vencido e derrotado para que os homens pudessem compreender a grandeza de uma exceção. (p. 48)

O segundo capítulo do ensaio se chama “O tema da cultura”. Este tema é iniciado com o personagem Nietzsche discorrendo sobre a definição fugidia de verdade, sobre o processo intermitente de sua definição – o que leva Mário Ferreira dos Santos a tecer um dito hesitante de seu personagem, Nietzsche, quando este tenta conceituar um dos termos pilares da filosofia: a dita verdade¹⁵.

Em seguida, Nietzsche discorre sobre outra questão fulcral da história da filosofia ocidental, a exemplo da verdade: o problema de Deus. Aqui acontece algo inusitado, do ponto de vista da narratividade do ensaio: *O Homem que Nasceu Póstumo* foi uma obra tecida, segundo Mário Ferreira, para esclarecer dúvidas após suas traduções comentadas das obras de Nietzsche, lançadas pela Livraria Globo¹⁶; como o autor do ensaio utilizou-se de um método literário em que “coloca as palavras na boca” de Nietzsche, seu personagem; e lembrando que Mário está no ensaio em duas modalidades (a de personagem que dialoga com Nietzsche e a de comentador das concepções deste – que, claro, se confundem, por vezes), Mário, na condição de autor e comentador, insere algumas notas de rodapé quando deseja fazer algumas críticas ao posicionamento de seu próprio personagem, de seu próprio Nietzsche. Estas críticas, comumente, estão

relacionadas às concepções equivocadas, segundo Mário Ferreira, do legado de Nietzsche em relação ao cristianismo¹⁷.

A intrigante, por assim dizer, questão da relação entre a cristandade de Mário¹⁸ e o ateísmo declarado de Nietzsche pode ter uma leitura mais conforme entre os dois lados, de uma maior compreensibilidade entre ambos, se examinarmos essa suposta polarização religiosa à luz da concepção ferreiriana do cristianismo: para Mário Ferreira dos Santos, o homem, como indivíduo, deveria ser considerado religiosamente cristão também em sua potência de sê-lo¹⁹. Dizia Mário que uma pessoa deveria parecer-nos reluzente em sua capacidade de praticar os princípios cristãos – mesmo que essa capacidade não fosse consubstanciada.

Assim, até quando olhássemos ‘a mais abjeta das criaturas’, deveríamos refletir sobre e levar em conta o cristão que aquela pessoa poderia ser, para que também exercêssemos em nós, em ato, no modo como se lança o olhar para o outro, nossa cristandade.

Podemos nos indagar se Mário projetava em Nietzsche seu cristianismo, considerando, talvez, que Nietzsche praticava um ateísmo teórico e realizava, em grande medida, um cristianismo prático²⁰. A verdade é que a relação entre Nietzsche e o cristianismo foi acentuadamente complexa e controversa²¹; assim como complexa consideramos a tarefa de colocar em pauta a coerência de Mário a respeito de sua relação com o filósofo alemão (mesmo achando que não nos furtamos a esse exame) – pois estamos tratando de dois filósofos que não apenas contemplavam passivamente a contradição, mas a aplicavam como chave para os desentranhos do entendimento das mais variadas dimensões do ser humano.

Encerra o personagem Nietzsche o capítulo em questão discorrendo sobre a mediocridade do homem moderno, da ausência do reconhecimento da existência tensional e dialética por partes desses homens medianos; pois seria para ele no palco dos conflitos, de suas intermitentes superações, no permanente estado de guerra, que o homem se torna forte, rijo. Diz Nietzsche: “A espécie humana superior que interroga, que busca, que sofre as tragédias do espírito e da inteligência, encontra um ambiente fechado, porque a prosperidade pertence aos mediócras” (p. 65). E, em vista disto, afirma: “Eis a razão do pessimismo das ‘elites’ ou a sua capitulação às idéias

dominantes das grandes massas.” (p. 65)

Conseqüentemente, tudo que é produção externa desse homem, como aponta o personagem, traz o emblema mórbido da negação da vida, a chaga de uma existência cadavérica; e nenhum lugar melhor para identificar tamanha morbidade do que em suas edificações artificiais:

Toda essa vida, que se agita nessas cidades, é morte. Há morte nesses grandes edifícios que rasgam o espaço, como se buscassem alcançar o infinito, numa tentativa babélica previamente malograda. Há morte nessa arquitetura: tudo é frio, tudo esconde, atrás de si, a mesma vacuidade. Há todos os estilos, mas mortos. (p. 65)

Ou seja, “O homem nega-se, aí, nega-se no vestiário, nega-se na sua arte, nega-se nas suas falsificações, nega-se porque a vida para ele é ausência.” (p. 66) A positivação da vida, da aceitação de suas antinomias e de sua tragicidade precisava ser afirmada com um brado resolutivo de “sim!”; o homem moderno do ocidente necessitava de uma transvaloração moral dos seus valores.

Continuando o avanço linear sobre a obra, deparamo-nos com um capítulo que aborda, em grande medida, questões que estão retratadas de modo disperso por este artigo; e que, por isto, não nos deteremos nele: “Temas do amor, da vida, da loucura²², e da morte”.

No capítulo “O tema da moral”, Nietzsche discorre sobre sua “simpatia pela moral autônoma, pela moral livremente aceita e livremente realizada” (p. 91). Esta só se tornaria possível se o homem negasse os “preconceitos [que] tecem a teia de aranha da metafísica moral” (p. 90) – viabilizando que imergisse o homem criador, diferente do falsário homem de rebanho “que renuncia a si mesmo” em cortejo.

“O tema de Sócrates”, que se segue ao da moral, é repleto de posicionamentos que merecem uma análise e trabalho de exegese bem mais acurado²³, e que, ao nosso ver, extrapola a meta deste texto – deveras sintética. Vejamos, porém, um dos primeiros parágrafos do capítulo, para termos, ao menos, acesso à posição crítica que Nietzsche tem a respeito de Sócrates:

Havia em Sócrates uma falta de sentido histórico. Sócrates é um hiato cavado entre duas fases da filosofia grega. Marca o fim de uma era e o início da outra: é o João Batista da decadência da filosofia grega, de que Aristóteles foi o Messias. Ele não sentia nem entendia a idéia do devir, e o sentido atualista do grego, que, na simplicidade, buscou a sua expressão, não encontrou nele eco, porque Sócrates era mais gótico que apolíneo. (p. 99)

Em capítulo posterior, intitulado “O tema da guerra e do Estado”, durante o diálogo que fomenta o ensaio, Mário Ferreira dos Santos profere a seguinte pergunta para Nietzsche: “— Sem dúvida. Mas de todos os seus temas, há dois que têm sido por muito tempo o motivo de longas controvérsias: o da guerra e o do Estado. Poderia esclarecê-los para mim?” (p. 121)
Ao que Nietzsche respondeu:

— Muitas vezes alegaram que eu defendi a guerra. Na realidade o fiz. Mas quando me irritou o fato de confundirem sempre a guerra de que falava com a guerra da pólvora e do chumbo. Não que na minha juventude não tivesse aspirações guerreiras. Todo o ambiente educacional que tive, desde Pforta, me arrastaria aos mesmos pruridos juvenis guerreiros tão peculiares aos alemães. Eu não pude afastar-me desse ambiente. Escrevi algumas passagens em defesa da guerra, as mesmas que posteriormente serviram de argumento para os meus adversários. Mas, em toda a minha obra de maturidade, depois que me libertei de todos os preconceitos, quando comecei a construir a minha filosofia, a nota culminante de meus trabalhos foi uma intensa luta contra a guerra e contra o Estado. Eu próprio, numa ocasião, manifestei o desejo de ter escrito “Der Wille zur Macht” em francês. Por quê? Porque a palavra “Macht” em alemão daria oportunidade para muitos julgarem que o meu livro era uma apologia do imperialismo alemão que sempre odiei. Para mim o poder embrutece. Os que o alcançam, tornam-se conservadores e reacionários. (p. 121-122)

Relevante a passagem acima: Mário Ferreira dos Santos foi criticado muitas vezes como tradutor e comentador de Nietzsche por ter traduzido a versão de *Vontade de Potência* entregue por Elisabeth Foerster Nietzsche²⁴; temos a oportunidade de observar neste capítulo, assim como em

algumas notas contidas na tradução mencionada²⁵ e de menções ao filósofo alemão contidos na *Enciclopédia* de Mário Ferreira dos Santos, que as críticas que se formaram sob o pretexto de ter Mário contribuído para um entendimento de Nietzsche como um pensador afinado com o pósteros desejo de ânsia imperialista do Führer e de muitos alemães, são completamente infundadas e frutos da mais abjeta ignorância, que não hesita em acusar e tomar partido de um assunto tão sério sem sequer, ao que parece, fazer uma pesquisa precedente.

Voltando ao diálogo que retratávamos neste capítulo, Mário Ferreira dos Santos bem sabia que as primeiras palavras de seu personagem Nietzsche (referentes à citação acima) tinham uma dimensão pessoal – como quem advoga apenas em causa própria. Como o assunto faz jus a uma dimensão mais genérica, que tenha uma abordagem universalizada, assim Mário Ferreira escreveu a resposta de Nietzsche à questão da guerra e do Estado em seguida:

Não pouco tempo depois eu escrevia estas palavras, que já mostravam a minha experiência dolorosa que tive da crueldade da guerra de 1870. Ouça-o: “Nenhum governo confessa hoje que sustenta seu exército para satisfazer, quando chegue a ocasião, seu desejo de conquista. Pelo contrário, o exército deve servir para a defesa do território. Para justificar este estado de coisas, apela-se a uma moral que aprove a legítima defesa. Desta maneira, cada Estado reserva para si o privilégio da moralidade e atribui à imoralidade ao Estado vizinho, pois é preciso suportar a este disposto ao ataque e à conquista, se o Estado há de ver-se na necessidade de pensar nos meios de defesa. Ademais, acusa-se ao outro Estado que, o mesmo que o nosso, nega a intenção de atacar e afirma que só mantém o exército por razões de defesa: o outro é acusado, digo, de ser hipócrita, e de criminoso astuto que quer lançar-se, sem luta, sobre uma vítima inofensiva e frágil. Nestas condições se encontram hoje todos os Estados, uns ante os outros: admitem as más intenções do vizinho, e atribuem a si as boas. Mas esta é uma prática tão nefasta e pior ainda que a guerra. É já uma provocação e um motivo de guerra, pois atribui a imoralidade ao vizinho e, por este meio trata de justificar os sentimentos bélicos. (p. 124)

E para endossar que Mário Ferreira dos Santos não acreditava ver em Friedrich Nietzsche uma inclinação para os

ideais imperialistas do Estado alemão, não poderíamos nos furtar a colocar as seguintes palavras contidas no ensaio, proferidas por “seu” Nietzsche:

— Cultura e estado – não é possível enganar-se a si mesmo – são antagonistas: ‘Estado-cultura’ é somente uma ideia moderna. Um vive do outro, um prospera a expensas do outro. Todas as grandes épocas de cultura são épocas de decadência política: o que é grande no sentido da cultura foi impolítico, até antipolítico [...] (p. 129)

Ainda seguindo a ordem do ensaio *O Homem que Nasceu Póstumo*, o tema do seguinte capítulo, segundo o próprio Mário Ferreira, é um dos mais relevantes e complexos da produção filosófica nietzscheana: “O Eterno Retorno²⁶”.

No ensaio, Mário Ferreira dos Santos conta a Nietzsche que “ – Uma das teorias mais criticadas que o sr. elaborou foi a do Eterno Retorno” (p. 135). E pergunta ao filósofo alemão se a teoria foi formulada para trazer um conforto ao homem, onde pudesse retornar a um estágio primevo, no qual as mazelas da modernidade ainda não estivessem presentes – mazelas que teriam acometido o próprio Nietzsche:

— Pessoalmente, quem sabe, fosse o sr. uma vítima dessa própria civilização que se forjava, cujas consequências terríveis já antevia genericamente. O ‘Eterno Retorno’ apresentava-se, assim, como um acomodamento ante a possibilidade de vir a combater a primitividade ameaçada pelo ‘progresso’. (p 135)

A exemplo da questão da “guerra e do Estado”, retratada acima, Nietzsche relata que sua teoria do Eterno Retorno era impermeável para alguns, e desenvolve uma resposta universalista que tenta contemplar toda a estruturação disposta na sua concepção espaço-temporal da realidade:

— A teoria do “eterno retorno”, sei, tem sido ininteligível para muitos. E muitos tiraram dela conclusões absolutamente diferentes daquelas que desejei dar. Nunca tive esse sentido mítico de metempsicose que alguns emprestaram à minha teoria. Desejaria, agora, dar aos homens de boa vontade uma explicação que penso será sucinta e fácil e que lhes dará um esclarecimento da doutrina. Ouça: Creio que o

mundo, concebido como força não pode ser ilimitado. Considero o conceito de uma força infinita inconciliável com o conceito de força. Isto em primeiro lugar. Tenho de admitir, no entanto, que essa força seja ativa, do contrário negaria o próprio conceito. E mais: que ela seja eterna, infinitamente, no tempo. (p. 136)

A esta explicação se segue uma argumentação lógica com o fim de fundamentá-la, intercalada, inclusive, por uma contestação, ainda que de modo sintética, de Mário Ferreira dos Santos, em uma nota de rodapé²⁷, ou seja, não como personagem de si mesmo posto no ensaio, mas como comentador do pensamento nietzscheano.

Posteriormente, em se tratando do diálogo que compõe a obra, Mário Ferreira pergunta “— E se aceitássemos que há o retorno, mas, ao aceitá-lo, não afirmássemos que todos os instantes possam retornar?” (p. 150) Nietzsche responde com a implacabilidade e desassombro que lhe são de costume:

– Sim, seria uma possibilidade. E nesse caso teríamos de admitir uma parte de acaso na existência, acaso que permitisse, num certo momento, uma combinação nova que não se repetisse outra vez, mas também teríamos de admitir a possibilidade de uma ordem diferente de repetir, a sequência de um determinado estado não seria o mesmo, por exemplo, o que ora vivemos. Neste instante poderia deixar subitamente de falar consigo. Então o que hoje nos parece coordenado e lógico não seria assim, e o inesperado seria comum na nossa vida, o que se não dá. Prefiro, portanto, aceitar que todos os momentos se repetem eternamente e o eterno retorno está em todos os instantes. Do contrário, daria uma saída à fraqueza ao criar uma possibilidade de que um momento de sofrimento pudesse não repetir-se. Simplesmente em aceitar tal coisa seria uma covardia para mim e a tanto não cairia, porque toda a minha filosofia é uma filosofia da heroicidade. (p. 150)

“O tema da mística” encerra a primeira leva de temas que compõem a obra *O Homem que Nasceu Póstumo*. Mário Ferreira sempre fez questão de ressaltar esse aspecto na produção filosófica de Nietzsche, sabendo, porém, que quando o nome do filósofo alemão fosse relacionado com a mística muitos iriam ficar surpresos e achar, no mínimo, controverso. É com esta passagem que Mário inicia o capítulo: “Nietzsche

místico?!”. (p. 155)

Logo em seguida, na condição de comentarista da filosofia de Friedrich Nietzsche, Mário Ferreira retrata a trajetória de um místico simbolista ao longo das etapas de produção intelectual do filósofo alemão²⁸:

Depois dos períodos da juventude, de predomínio do cristianismo, sobreveio o período schopenhauereano, com suas manifestações românticas, até alcançar aquela fase positivista e pragmática da mocidade. Mas, durante todo esse período, a leitura de sua obra nos mostra sempre, um Nietzsche místico, profundamente místico, que se desabrocha depois em “Gaya Scientia” – esse alciónico misticismo bem occitânico, sem que ele mesmo o soubesse.

Em “Zaratustra”, o misticismo desabrocha-se plenamente. Obra realizada, como ele mesmo relata, em alguns dias apenas, sob grande entusiasmo, entre alegre e dolorido, vemos ali o emprego dos arquétipos místicos. Por isso Zaratustra é um dos livros mais difíceis. Sua leitura exige uma análise exegética e notas sobre a acepção mística de suas expressões principais.

É na fase final de sua vida, na época das transvalorações, ao realizar “Vontade de Potência”, que o misticismo se precisa e assume as proporções imensas, acessíveis aos leitores iniciados e libertos da ditadura dos preconceitos (SANTOS, 1954, p. 155).

Mário Ferreira, sabendo que adentrara em terreno escorregadio em termos de filosofia, faz uma explanação sobre a mística, a simbólica e a estética. Como verificamos, o filósofo brasileiro acentuava o caráter estético da filosofia nietzscheana – deixando evidente, porém, que não se trata de estética pela estética –, e que de bom grado seria, em um capítulo com essa temática, discorrendo sobre um tema tão controverso no trabalho de exegese da produção filosófica de Nietzsche, fazer alguns apontamentos em relação ao adensamento das análises do filósofo alemão por conter também o conhecimento apurado sobre a dimensão simbólica do homem. Além de apontar que o caráter de místico estético seria capital no desenvolvimento de uma produção intelectual que vislumbrava com profundeza o espírito humano, ainda segundo Mário Ferreira dos Santos, Nietzsche lançou os componentes que servem de mecanismos de análise para a psicológica moderna²⁹:

Nietzsche foi um esteta-místico, fez mística com filosofia, contemporaneamente com estética. E como não freou seus impulsos místicos, submetendo-os a um operatório vicioso, como sua fase positivista poderia ter permitido, penetrou no mais profundo, e teve esses voos alciónicos que o levaram a alturas até então desconhecidas, conseguindo, através de si mesmo, alcançar o humano, o mais profundamente humano, o que o colocou, no campo da psicologia, por exemplo, no mais alto grau que alguém atingira em pleno século dezenove. Pode dizer-se, e o já o mostramos em “O homem que foi um campo de batalha”, que toda a psicologia moderna gira em torno da temática e da problemática nietzscheana (p. 157-158).

E, a respeito da distinção entre estética, simbólica e mística, segundo Mário Ferreira dos Santos, lemos no ensaio:

Tem a estética as suas raízes na afetividade e não na intelectualidade, embora essas se combinem, sempre presentes e contemporâneas, mas em graus intensivos diversos. O artista é “páthico”, e o operatório sobrevém como auxiliar e, quando domina, temos o cerebralismo que já é um desfalecimento do estético.

Ora, a linguagem do artista é linguagem simbólica, que pode dispor operatoriamente, cingindo-se ao lógico da intelectualidade (formal). Todo artista sofre de uma angústia presente em toda a sua experiência expressiva: a limitação do símbolo, e a estreiteza do sinal. A criação estética é a expressão do simbolizado através de símbolos e sinais, os quais criam limites, entraves, impossibilidades que o artista tenta vencer, dominar, evadir-se delas. Assim, na criação estética, há sempre crise, a que surge da separação entre o simbolizado e o símbolo, entre o oculto e o que se manifesta.

Mergulhados na experiência mística, sentem os artistas que penetram na plenitude da arte. Mas há uma diferença, é importante. A experiência estética é um misticismo do símbolo, porque encerra em seu impulso o oculto que o símbolo expressa, e trabalha com símbolos para dispô-los esteticamente, fazendo-os falar como partes e como totalidades tensionais. Na estética, virtualizamos o simbolizado para deixar falar o símbolo. Na mística, temos a estética do simbolizado, não de qualquer simbolizado, mas do simbolizado oculto. Este é atualizado na experiência e virtualizado no símbolo, que o místico só atualiza quando o expressa no intuito

de transmitir o intransmissível e, neste caso, torna-se esteta (p. 158)

Analisando o tema do capítulo em questão em relação à categorização, por assim dizer, de Friedrich Nietzsche, segundo Mário Ferreira dos Santos, podemos encontrar o fundamento e o posicionamento concludente do filósofo brasileiro com o seguinte dito:

Toda a vez que o artista vive além de todo símbolo, ele se torna místico, mas quando, através de símbolos, procura apontar o oculto, ele é um esteta místico, porque combina o místico com o estético, e temos o exemplo de Nietzsche (Santos, 1954, p. 158).

Ao término da primeira parte do ensaio, Mário Ferreira dos Santos se detém naquela que foi a característica de maior apreço, e que em muito foi responsável pela estima do filósofo brasileiro pelo filósofo alemão. Mário acreditava que, além da produção filosófica, o homem moderno em geral se encontrava desacreditado quanto ao seu sentido diante da realidade – existencialmente e essencialmente considerado. Em vários momentos de sua *Enciclopédia* fala sobre um estado de “desesperismo”, de um “niilismo”, etc. Friedrich Nietzsche representava, em muito, para Mário Ferreira, o extremo oposto desses estados de desistência e de descrença; e por esta atitude de positividade diante da vida em toda sua completude, em toda sua tragicidade, Mário considerara Nietzsche exemplar em termos de pujança, heroicidade e intrepidez, qualidades que devemos ter para amar e dizer sim a vida:

(...) um apontar de amor para a superação, porque, ao desprezar e vencer o seu destino, o homem precisaria também amá-lo (*amor fati*), amá-lo como o companheiro inseparável de sua vida. Mas há amor com submissão, como há amor com superação. Era deste amor que Nietzsche falava. E o valor da vida estava na própria vida enquanto vida, e em nós ao exaltá-la pela nossa heroicidade. Ora, o heróico era o valor do valor então. E realmente assim o era para Nietzsche. Por isso uma categoria de valores nietzscheana exigiria que se dispusessem além dos valores positivos e opositivos normais, valores positivos e opositivos viciosos. E pairando sobre todos, como valor que valoriza valores, o heroico (p. 182).

Parece-nos pertinente, para fins de fundamentação da temática geral do ensaio, enfatizar ainda mais – mediante palavras do próprio Mário sobre o filósofo Friedrich Nietzsche – os principais motivos que tornaram o filósofo alemão digno de uma grande admiração por parte de Mário Ferreira dos Santos; posicionamentos que instigaram e alimentaram a influência e referência de Nietzsche sobre o caráter afirmativo, positivo e de incessante busca da superação de si mesmo, e diante do que se apresenta como adversidade em nosso percurso mundano³⁰ – um aspecto fulcral da literatura filosófica do brasileiro:

E entre esses invariantes, nunca por ele desmentidos, está a sua imensa fidelidade a si mesmo, nunca deixando de ser o que é em cada um dos seus momentos, ingênuo e cínico, mas de uma extrema heroicidade em cada lance do seu caminho, até nos momentos em que tudo fraqueja à sua volta, em que o corpo já não pode, o espírito heroico, quixotesco e arrogante, não trepida e avança sempre em sua marcha. Mas há mais: há esse imenso amor cósmico, esse *amor fati*, sem uma nota de desespero ou de queixa, essa eterna confiança na superação humana, apesar de todas as decepções que assiste.

Não é sua obra, nunca, uma justificação da fraqueza, mas uma exaltação da força, não no sentido superficial e meramente físico. A força de que Nietzsche fala não é a força dos músculos, nem a força das armas, mas a força do forte, do homem corajoso e heróico, do homem capaz de enfrentar todos os perigos, quer do corpo, quer do espírito. Por isso exaltava o filósofo, o sábio, o santo, o herói. Nunca, porém, a fraqueza (p. 184-185).

Referências

ALMEIDA, Rogério Miranda de. *Nietzsche e o Paradoxo*. Loyola, 2005.

GALVÃO, Nadiejda; SANTOS, Yolanda. *Monografia Sobre Mário Ferreira dos Santos*. s.n. ed., 2001.

JASPERS, Karl. *Nietzsche y el Cristianismo*. Buenos Aires: Editorial Deucalión, 1955.

- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro*; tradução de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- _____. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*; tradução de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- _____. *Assim Falava Zarathustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução, notas e análise simbólica de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- _____. *Vontade de Potência*. Tradução, prólogo [O homem que foi um campo de batalha] e notas por Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- SANTOS, Mário Ferreira dos. *Análise dos temas sociais*. v. I e II. São Paulo: Livraria e Editora Logos, 1964a.
- _____. *A Sabedoria das Leis Eternas*. São Paulo: É Realizações, 2001.
- _____. *A Sabedoria do Ser e do Nada*, v. I. São Paulo: Matese, 1968.
- _____. *A Sabedoria dos Princípios*. São Paulo: Matese, 1967.
- _____. *Assim Deus Falou aos Homens – e apólogos e fábulas*. São Paulo: Livraria e Editora Logos, 1958a.
- _____. *Certas Subtilezas Humanas*. São Paulo: Livraria e Editora Logos, 1958b.
- _____. *Cristianismo: a religião do homem*. São Paulo: EDUSC, 2003.
- _____. *Convite à Filosofia e à História da Filosofia*. São Paulo: Livraria e Editora Logos, 1961.
- _____. *Filosofia Concreta*. São Paulo: É Realizações, 2009.
- _____. *Filosofia Concreta dos Valores*. São Paulo: Livraria e Editora Logos, 1959.
- _____. *Filosofia e Cosmovisão*. São Paulo: Livraria e Editora Logos, 1955.
- _____. *Filosofias da Afirmação e Negação*. São Paulo: Livraria e Editora Logos, 1962.
- _____. *Filosofia e História da Cultura*. v. II e III. São Paulo: Livraria e Editora Logos, 1962a.
- _____. *O Homem que Nasceu Póstumo – Temas Nietzscheanos*. São Paulo: Livraria e Editora Logos, 1954.
- _____. *O Homem Perante o Infinito*. São Paulo: Livraria e Editora Logos, 1962b.
- _____. *Páginas Várias - Antologia da Literatura Mundial – v.*

I. São Paulo: Livraria e Editora Logos, 1964b.

_____. *Psicologia*. São Paulo: Livraria e Editora Logos, 1956.

¹“Meu pai, português de nascimento, caracterizava-se por acentuado ateísmo e por uma marcante tendência anti-clerical. Revelava, em todas as ocasiões, a sua oposição ao clero. Entretanto, tendo eu, desde cedo, mal aprendera a ler, me interessado por temas filosóficos (e a consciência que tenho de mim mesmo nasceu de colocação de um problema filosófico que tentei resolver), um dia meu pai me chamou e disse: ‘Meu filho, para teu bem vou fazer uma coisa que vai escandalizar os meus amigos: tu vais estudar com os jesuítas.’ No dia seguinte, dirigiu-se ao ginásio Gonzaga e, segundo o que ele me relatou depois, disse-lhes: ‘Todos sabem que sou adversário da Igreja Católica e que tenho combatido desde moço, mas sei que, para educar, vós, jesuítas, sois os mais capazes. Meu filho revela propensão para temas filosóficos; não quero exercer sobre ele a minha ação. Julgo que sois mais competentes do que eu para guiá-lo no conhecimento. De minha parte, prometo-vos que, em casa, respeitarei sempre as suas ideias.’ Declaradas estas condições, fui aceito. O resultado foi que meu pai passou a ser mal compreendido pelo companheiros, que julgaram a sua atitude uma verdadeira defecção, o que o levou a afastar-se totalmente das atividades anticlericais e ateístas” (Cf. GALVÃO; SANTOS, 2001, n.p.).

Aproveitamos o término da primeira citação para dar uma importante informação: em consonância com parte das obras de Mário Ferreira dos Santos que foram reeditadas, optamos por atualizar a grafia de Mário Ferreira dos Santos para o português corrente.

²Dentre os escolásticos comumente mencionados nas obras de Mário Ferreira dos Santos destacamos Tomás de Aquino; Duns Scot; São Boaventura e Francisco Suárez. Mário Ferreira dos Santos foi um filósofo que aplicou a lógica e a cosmologia escolástica sintetizadas às leis pitagóricas, entendendo que esta síntese seria a fusão, a positivação ideal entre a filosofia platônica e a filosofia aristotélica. Desta forma ele buscou fundar sua própria metafísica, de modo a blindá-la com o que houve de mais pertinente na produção filosófica ocidental, segundo suas concepções, para a exposição de uma ontologia rigorosamente formulada. Neste sentido, a figura de São Boaventura teve na concepção de Mário Ferreira dos Santos uma importância fundamental para a atividade dessa concreção filosófica (Cf. SANTOS, 1967).

³É preciso, porém, que distingamos a afirmação da vida, compartilhada por Mário e Nietzsche, do otimismo em relação ao homem, característica só pertencente a Mário: Nietzsche acreditava que a civilização havia declinado o homem: “Para essa concepção [primitivista], ter o homem alcançado um nível civilizado mais elevado, é mais uma decadência do homem do que propriamente um progresso e, antropologicamente, o homem moderno é um decadente, como o vemos expresso na concepção de Dacqué, que chega a dar essa decadência a toda animalidade, pensamento que encontramos

esparso, por sua vez, na obra de Nietzsche, de Scheler e de inúmeros outros pensadores alemães, os quais podemos englobar como defensores de uma doutrina decadentista sobre o homem, doutrina terrível, que tem encontrado muitos adeptos” (*Filosofia e História da Cultura* – v. II, p. 196). Já para Mário Ferreira, as adições provenientes da própria natureza criadora humana levaram Nietzsche a uma equivocada reflexão sobre o homem e o meio: “O erro de Nietzsche não estará em abolir a distinção e a solidariedade entre o poder que nos permite ter uma imagem fiel da natureza e aquele que nos permite nela acrescentar algo?” (SANTOS, 1959).

⁴Cf. *O Homem que foi um campo de batalha – prólogo de Vontade de Potência* (NIETZSCHE, 2011).

⁵“O desenvolvimento intelectual de Mário estava a pleno vapor nesses anos [que se seguiram à sua formação acadêmica]. Falava francês, latim, grego, inglês e alemão, além de já estar familiarizado com grande parte do pensamento ocidental. Na livraria O Globo, de Porto Alegre, iniciou a tradução direta do alemão das obras de Friedrich Nietzsche” (SANTOS, 2009, p. 12).

⁶ Destacamos, aqui, algumas obras de Mário Ferreira onde são feitas menções relevantes a Nietzsche: *Análise dos Temas Sociais* – v. I (p. 39-50); *Análise dos Temas Sociais* – v. II (p. 147-156); *Filosofia e História da Cultura* – v. III (p. 169-188); *Convite à Filosofia e à História da Filosofia* (p. 141); *Filosofia Concreta dos Valores* (p. 21-28); *Filosofia e Cosmovisão* (algumas menções que perpassam a obra – o primeiro volume da *Enciclopédia*); *Filosofias da afirmação e negação* (p. 13). Há, ainda, neste artigo, várias referências ao filósofo alemão retiradas das obras de Mário Ferreira, além das diversas que não foram, aqui, apontadas.

⁷Chamamos a atenção para o fato de Mário Ferreira dos Santos alterar - de uma edição para outra - o conteúdo de várias obras de sua autoria; sendo importante que o leitor fique atento à edição que está manejando, se quiser fazer um exame mais apurado da produção intelectual do filósofo. A exemplo desta advertência temos o conhecimento de duas edições de *O Homem que Nasceu Póstumo* (a da *Coleção Minimax*, em dois volumes, composta de pequenos livros dados como presente aos clientes da editora de Mário, e uma edição em volume único, mais ampla. Foi desta última que fizemos uso para a composição deste artigo).

⁸“*O Homem que Nasceu Póstumo*”, usamos uma técnica diferente. Levando em parte o terreno da ficção, fizemos Nietzsche falar sobre sua filosofia. Aproveitamos as suas ideias, muitas das suas frases para tornar inteligíveis aqueles temas mais difíceis. Basta que se leia a interpretação que se fez de sua obra, e até por grandes nomes do pensamento universal, para que se compreenda que, ao procedermos como o fizemos, nos colocamos na maneira mais acessível para a boa compreensão da mesma” (SANTOS, 1954, p. 29).

⁹ (Cf. 1967).

¹⁰Cf. *O Homem que Nasceu Póstumo* (1954, pp. 99-105). Em *A Sabedoria dos Princípios*, p. 107, lemos: “Daí Nietzsche chegar a dizer que a última providência da razão, como se fosse a sua meta final, para a qual ela tende, é o nada. Por isso ele voltava-se contra ela, e aderiu ao movimento

romântico, pondo sobre aquela todas as desconfianças. Porque, dizia ele, a razão, pelo seu vezo abstratista, pela sua tendência abstratista, pelo seu esforço em despojar tanto quanto possível a própria positividade, alcança o nada. Qualquer conceito da razão, tomado em si mesmo, está completamente esvaziado. Daí ter ele, pela razão, uma tremenda desconfiança; receava entregar-se a ela, temia usá-la, e terminou por chamá-la de órgão coxo de nossa inteligência, órfão claudicante, incapaz de nos levar a um melhor conhecimento. Dava preferência à intuição, e seguiu os caminhos dos românticos, que também levam ao cepticismo." A mesma questão é retratada de modo similar em *A Sabedoria do Ser e do Nada* – v. I, p. 59: "Ora, sabemos, e neste ponto a crítica nietzscheana tem grande valor, que o racionalismo, nos seus excessos abstratistas, ter de, inevitavelmente, a esvaziar os conceitos, de tal forma a perderem eles toda e qualquer consistência que lhe dê um fundamento." Salientamos que o oposto a esvaziar o conceito é justamente a afirmação e a positividade do conceito: o vértice nietzscheano da filosofia concreta: Nietzsche havia profetizado, para Mário, a época da decadência do racionalismo coroado com o conceito do nada absoluto, adversário principal da filosofia concreta ferreiriana – a tese I de *Filosofia Concreta* é "Alguma coisa há". Este é o ponto arquimédico que vai basilar uma edificação intelectual que, na nossa concepção, dará uma sólida cidadania filosófica, em termos de obra escrita, a Mário Ferreira dos Santos. A respeito do tema da razão, abordado em afinidade entre Mário e Nietzsche, fazemos questão de citar um apólogo, intitulado "A Verdade", presente na obra de Ferreira dos Santos de maior caráter do gênero literário (não à toa existe um exemplar na Academia Brasileira de Letras – ABL): *Assim Deus Falou aos Homens - apólogos e fábulas* (SANTOS, 1958a, p. 123): "A Verdade, quase nua, corria por uma estrada. A Fantasia, ao vê-la assim, não se conteve: - Ah! Fugindo?! Os homens já a escorraçaram? – Psiu! Não fale alto! É a Razão que vem me perseguindo com aqueles terríveis monstros de três cabeças, as Convicções... E eles não me perdoam..."

¹¹Para observação da relação entre Nietzsche e estética nos termos de Mário Ferreira cf. *Páginas Várias – Antologia da Literatura Mundial* – v. I. São Paulo: Livraria e Editora Logos, 1964b.

¹²"Quando combati os fracos, eu não queria que os fracos prosseguissem sendo fracos. Eu combati a fraqueza. É verdade que duvidei e nunca acreditei na utopia de uma humanidade forte. Eu acreditava e acredito no super-homem" (1954, p. 48).

¹³"O intuito de Nietzsche era escrever esse livro em francês. São dele estas palavras: 'O fato de este livro ter sido escrito em alemão é, pelo menos, intempestivo: desejaria tê-lo escrito em francês para que não parecesse um fortalecimento de qualquer aspiração imperialista alemã'" (NIETZSCHE, 2011, p. 13).

¹⁴"Vivi muito junto do 'haustier', desse domesticado animal de rebanho, que foi o alemão meu contemporâneo, para duvidar da super-humanidade dos alemães" (SANTOS, 1954, p. 26).

¹⁵"Durante toda a minha vida lutei para dar aos bem intencionados um método que os permitisse observar melhor o esquema do mundo. Não lhes

ofereço um método para a verdade, se admitirmos o sentido ontológico da verdade ou a concepção que dela fazem a maioria dos metafísicos. A verdade, para mim, tem sentido cósmico e, para mim, é um *processus*. A verdade é um *processus*, um *vir-a-ser*, um meio que nos permite acomodar o nosso conhecimento ao esquema dialético do universo. Não é propriamente isso, perdão. Ela é o resultado desse *processus*, deixe-me corrigir. Ela é a estratificação desse *processus*. Por isso mesmo ela é um *vir-a-ser*. Dialética, porque reproduz dialeticamente o esquema” (SANTOS, 1954, p. 62).

¹⁶“O Homem que Nasceu póstumo’ surgiu de uma série de pedidos que recebemos para apresentarmos a obra nietzscheana, juntando os aspectos contraditórios dos seus temas, e ficando os ‘predominantes’, a fim de permitir uma melhor inteligência. Desde logo se vê que seria impossível abordar todos os temas. Por isso escolhemos alguns, precisamente aqueles que têm oferecido maior problemática e mais polêmicas. No futuro, se tivermos a apoiar-nos à boa vontade do leitor, continuaremos nossa já iniciada obra em ‘O homem que foi um campo de batalha’, que publicamos como prólogo da tradução de ‘Vontade de Potência’, editada pela Livraria Globo” (p. 28-29).

¹⁷“Apesar de sua genialidade e saber, N. não conhecia suficientemente a Teologia, razão porque considerava que a criatura, que se faz exotericamente da ideia de Deus, fosse o genuíno pensamento dos grandes filósofos teístas” (SANTOS, 1954, p. 64).

¹⁸Cf. *O Homem Perante o Infinito* (SANTOS, 1962b); *Cristianismo, a religião do homem* (SANTOS, 2003).

¹⁹Trecho de aula de arquivo digital. Há vários sítios na internet onde podemos encontrar algumas partes “... dos 180 cds com gravações de cursos e aulas...” proferidas por Mário (SANTOS, 2009, p. 19).

²⁰No início da obra *Páginas Várias*, consta a seguinte nota de rodapé: “Damos a seguir uma série de trabalhos deste autor [Mário], onde os temas nietzscheanos são aproveitados. Note-se que o autor reivindica Nietzsche para o pensamento genuinamente cristão, apesar da oposição geral e até das declarações peremptórias daquele famoso poeta-filósofo alemão. Contudo, convém considerar que, hoje, na própria Igreja Católica, autores de reconhecida fidelidade defendem a mesma tese, que foi exposta, com antecedência, por Mário Ferreira dos Santos. Nietzsche era, na verdade, cristão e não o anti-Cristo que julgava ser. Seu erro partiu de um julgamento falso. Tendo, por deficiência de análise e de exame, construído uma visão contrária de Cristo, era fácil que a ele se opusesse. Não é, pois, de admirar, que, em últimos dias, chorasse abraçado a um crucifixo que partira, pedindo-lhe angustiadamente perdão (Notas dos Editores)” (SANTOS, 1964b, p. 11). Ainda sobre a questão, na apresentação contida em *Filosofia Concreta* (SANTOS, 2009), Luís Mauro Sá Martino assim expõe o assunto: “A interpretação de Nietzsche feita por Mário destaca os elementos construtivos e analíticos do filósofo alemão, sublinhando as possibilidades de usar os conceitos deste para compreender o mundo contemporâneo. Mário propõe mesmo uma interpretação cristã de Nietzsche, mostrando que o autor de *O Anticristo*, paradoxalmente, não tinha uma postura anticristã” (SANTOS, 2009, p. 12). E, **nas palavras do próprio Mário**, em relação a

Nietzsche e o cristianismo, lemos em um dos comentários que o filósofo brasileiro fez na tradução realizada por ele de Assim Falava Zaratustra: “Não se cansava ele [Nietzsche] de dizer que o ‘o único cristão morreu na cruz’. Cristo, para ele, era o exemplo do homem liberto do ressentimento, do homem divino. Mas revoltava-o a interpretação que lhe deram, sobretudo a de São Paulo, que Nietzsche abominava-o. Aquele não era o mais verdadeiro cristão, rebelde, revoltado, lutador, amante da vida e heroico, capaz de todas as heroicidades mais altas, em face de cada um dos momentos, perfeito e leal em todos os seus instantes (Bodas de Caná, ante a mulher adúltera, ante os filisteus, etc.), sempre heroico, sempre capaz de vencer as fraquezas do homem através do homem. Divinizou-se por isso, esse grande exemplo de grandeza e de sublimidade. Nietzsche nunca o desmerece, mas com ênfase luta contra o Cristo descrito pelos que se dizem seus seguidores, fracos, doentios e mórbidos seguidores, que terminaram por caluniar a vida e fazer de Cristo a figura da morbidez e da doença, um Cristo eternamente moribundo, fraco, esgotado. No entanto, é preciso nunca esquecer que Nietzsche tinha seus ímpetos e suas momentâneas injustiças. E há momentos em que sua crítica a Cristo confunde os dois Cristos, o dele, e o que ele atribuía a seus intérpretes. Compreendeu naturalmente o leitor que não seria possível aqui analisar até onde procedem as razões de Nietzsche. Para bem da verdade, diga-se que Nietzsche tinha uma visão muito falsa do cristianismo, e o via como vê exotericamente o homem de nossos dias. Não se negue que há culpa por parte dos próprios cristãos, que favorecem tal interpretação. Se Nietzsche fosse mais familiarizado com a obra dos grandes mestres da igreja, compreenderia que o que há de pseudomorfose no cristianismo no Ocidente não se deve à filosofia cristã, tão bem exposta nos momentos de fluxo da escolástica, mas sim aos momentos de refluxo, e às interpretações dos espíritos de certas confrarias, que deram a Cristo e à sua religião um sentido um tanto equívoco, e que a crítica nietzscheana, como até a de muitos anticlericais, é bem procedente, como bem o sentem muitos religiosos de espírito mais claro... Podemos agora fixar o significado de Nietzsche. Se o homem, antes de Cristo, desejava salvar-se da vida para salvar-se coletivamente, com Cristo a salvação passa a ser individual, mas contra a vida, na interpretação mórbida que dele se faz. Em Nietzsche, essa salvação se dá na ordem cósmica. É a junção outra vez, mas num grau mais elevado do Espírito e da Terra, que se unem num mesmo canto de amor à existência e ao Ser Supremo da existência o que é aliás bem expresso na obra franciscana, e genuinamente cristã” (NIETZSCHE, 2011, p. 69).

²¹Cf. *O Paradoxo de Nietzsche*, cap. 4 (ALMEIDA, 2005); *Nietzsche y el Cristianismo* (JASPERS, 1955).

²²Porém, a questão da loucura, segundo a concepção do personagem Nietzsche, não foi disposta e desenvolvida até então. Citamos a seguinte passagem para ilustrar a reflexão do personagem sobre o assunto: “Quase sempre e em todas as partes foi a loucura o que facilitou à idéia nova, o que rompeu com as precisões de um costume, de uma superstição venerada. Já Platão afirmava que a loucura expandira sobre a Grécia os maiores benefícios. Eu acreditava na loucura, mesmo simulada, como a única força capaz de romper as cadeias da sociedade. Há sempre algo de terrível e

respeitoso no louco. E quantas vezes, na história, aqueles que quiseram erguer um gesto de rebeldia simularam-se loucos, para dizer as verdades. A loucura é sempre fecundadora nesse casos e é preciso um grão de loucura para que se possa ver com os olhos impessoais e se possa penetrar no fundo das coisas... A loucura, para que, afinal, acabe por crê em mim mesmo (p. 82).

²³Por este mesmo motivo não retratamos o “O tema da vontade criadora” (p. 107-117).

²⁴“Quanto àquela tradução, fundamo-nos na obra publicada por Elisabeth Foerster Nietzsche. Esperamos, no futuro, poder dar uma tradução do texto aumentado pelo ‘Nietzsches Archiv’, mas acrescentado de novas notas esclarecedoras” (SANTOS, 1954, p. 29).

²⁵(Cf. NIEZSCHE, 2011, p. 189).

²⁶“– O tema do Eterno Retorno é um dos que exigem maiores observações e estudos. É fácil julgar, como o fez Unamuno, simplesmente uma ideia de louco, e não examiná-lo quando se refuta com palavras tão simples e tão ingênuas. Foi fixado no Eterno Retorno um problema que não é de hoje. Já Lau-Tseu falava claramente nele. E, posteriormente, em partes diversas do mundo, o tema foi abordado. É um velho mito que vive em todas as eras e em todas as culturas” (SANTOS, 1954, p. 145).

²⁷“Na exposição deste tema buscamos ser fiéis ao pensamento nietzscheano, sem discuti-lo do ângulo filosófico, pois, em tal caso, teríamos que fazer muitíssimas restrições, o que nos afastaria do fim proposto nesta obra” (p. 151).

²⁸Para verificação de uma análise sobre a simbólica nietzscheana Cf. NIEZSCHE, Friedrich. Assim Falava Zaratustra. Tradução, notas e análise simbólica de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2011.

²⁹“Se toda experiência consciente é digna de respeito e de análise, não o é menos a experiência inconsciente, o sonho. O conceito freudiano ressent-se do mesmo espírito religioso semítico. Vê no inconsciente do homem toda a monstruosidade da alma. É o preconceito de milhares de anos que domina o consciente...O consciente seria assim um salvador, um libertador, um organizador. Aí está a “calúnia de Freud”. Já antes dele Nietzsche denunciara. E, no entanto, a obra freudiana é a marcha através dos caminhos indicados por Nietzsche.” (Psicologia – SANTOS, 1956, p. 265)

³⁰“Schopenhauer é o filósofo que sempre será aclamado e lido por todos quantos têm sobre si o peso de uma derrota e a aceitam. Nietzsche dos que querem superá-la” (SANTOS, 1958b, p. 139).